

A APRENDIZAGEM DE TECNOLOGIA DIGITAL É UMA VIAGEM

Fernanda Silva Costa (Universidade Federal de Minas Gerais)*

RESUMO: Este artigo apresenta uma pesquisa de cunho qualitativo interpretativista de uma narrativa biográfica de aprendizagem de tecnologia. A partir do escopo teórico da Teoria da Metáfora Conceptual e dos estudos realizados em linguística aplicada em Pesquisa Narrativa, buscou-se gerar compreensão sobre as experiências e as conceptualizações de uma professora de língua inglesa sobre sua relação com as tecnologias digitais. Para tanto, é apresentada uma breve revisão teórica sobre o que são metáforas conceptuais, bem como sobre os métodos utilizados em pesquisa narrativa. Por fim, são feitas algumas considerações sobre o potencial científico dessa metodologia a fim de gerar compreensão sobre as experiências e as conceptualizações dos indivíduos em seu processo de aprendizagem de tecnologia digital.

Palavras-chave: pesquisa narrativa; tecnologia digital; aprendizagem; metáforas conceptuais.

1 Introdução

A habilidade de narrar eventos, expectativas e experiências permite ao ser humano dar significado às suas vivências, possibilitando tanto a evolução individual quanto social. Apesar de serem inerentes ao desenvolvimento humano, foi a partir do movimento conhecido como “virada narrativa” que as narrativas passaram a atuar como fontes de conhecimento científico. Esse movimento tem se fortalecido cada vez mais, sobretudo nas áreas de educação, ciências sociais e psicologia. Evidentemente, no entanto, existe literatura anterior ao movimento que as utilizou como dados de pesquisa.

De acordo com Barkhuizen, Benson e Chik (2014, p.2, tradução nossa), “a principal força da investigação narrativa está em seu foco em como as pessoas usam histórias para dar sentido às suas experiências em áreas (...) em que é importante compreender fenômenos a partir das perspectivas daqueles que os experimentam”. Nesse contexto, este trabalho propõe a análise de uma narrativa biográfica de aprendizagem de tecnologia digital, a qual foi produzida em contexto acadêmico para fins avaliativos de uma disciplina de pós-graduação em estudos linguísticos.

Seguindo as diretrizes apontadas por Celani (2005), a fim de manter a ética em pesquisa em linguística aplicada, optou-se por preservar a identidade da autora da narrativa analisada. Seu nome será, então, trocado pelo pseudônimo por ela escolhido: Helen. Já a análise será baseada na observação da estrutura da narrativa de modo a responder as seguintes questões: 1) Na narrativa analisada, é possível vislumbrar quais crenças sobre aprendizagem de tecnologia são tidas pela autora?; 2) Qual a sua motivação principal em seu processo de aprendizagem?; 3) É possível perceber quais estratégias ela utilizou em sua aprendizagem? Em caso afirmativo, quais são elas?; 4) Existem índices de metáforas conceptuais na narrativa analisada?

2 Referencial teórico

O referencial teórico desta pesquisa divide-se em dois grandes eixos temáticos: pesquisa narrativa e teoria da metáfora conceptual. Apesar de existir diálogo entre eles, preferiu-se, aqui, manter a distinção tópica a fim de garantir um desenvolvimento temático mais coeso.

2.1 Pesquisa Narrativa

O ato de traduzir experiências em narrativas é percebido tanto como "atividade humana universal" (RIESSMAN,1993, p. 3, *apud* BARKHUIZEN, BENSON, CHIK, 2014, p.1, tradução nossa) quanto “forma primária pela qual a experiência humana se torna significativa”

(POLKINGHORNE, 1988, p.1, *apud* BARKHUIZEN, BENSON, CHIK, 2014, p.1, tradução nossa). Valendo-se dessa, portanto, relevante fonte de dados, a Pesquisa Narrativa surge enquanto estudo possibilitado pelo acesso a experiências individuais por meio de retrospectiva e imaginação.

Barkhuizen, Benson e Chik (2014) caracterizam as narrativas como textos falados ou escritos, produzidos por pessoas que têm algo a dizer e que são situados no tempo e no espaço. Esses textos, ainda segundo os autores, apresentam perspectiva temporal; têm estruturas que correspondem aos desenvolvimentos descritos; encapsulam um ponto que o narrador deseja transmitir; e, por fim, têm propósito e significado dentro do contexto de sua narração.

As narrativas comumente utilizadas na Pesquisa Narrativa possuem três características principais: advêm de experiência pessoal (são biográficas ou autobiográficas), normalmente relatam experiências de ensino e aprendizado e tipicamente envolvem aspectos das identidades dos narradores. São oito os tipos de narrativa apresentados por Barkhuizen, Benson e Chik (2014, p.8, tradução nossa): memórias de linguagem, estudos de memórias de linguagem, estudos de casos autobiográficos, estudos de casos biográficos e estudos de múltiplas narrativas.

A Pesquisa Narrativa pode utilizar narrativas biográficas ou autobiográficas, de acordo com os papéis realizados pelo participante da pesquisa e pelo pesquisador. Quando o participante é quem narra suas experiências, a narrativa é autobiográfica. Já quando o pesquisador é quem o faz por ele, ela é biográfica. As abordagens também podem ser autobiográficas ou biográficas: na primeira, o pesquisador analisa sua própria narrativa; na segunda, o pesquisador analisa histórias dos participantes.

Este trabalho possui uma abordagem biográfica de análise de uma narrativa autobiográfica, visto que a narrativa analisada foi redigida por uma participante sobre suas experiências de aprendizagem de tecnologia digital.

2.2 Teoria da Metáfora Conceptual

Apresentado em 1980 por Lakoff e Johnson na célebre obra *Metaphors we live by*, metáfora conceptual é um conceito da Linguística Cognitiva que diz respeito à maneira como o sistema cognitivo humano interpreta as experiências no mundo a partir de metáforas. Segundo os autores, estas não estariam restritas a construções sintáticas que geram certo efeito semântico tampouco apenas ao meio poético e à função lúdica da linguagem. Eles afirmam que as representações mentais constituem-se fundamentalmente de metáforas, o que condiz com a teoria de Turner (1998) de que o pensamento humano é estruturado por narrativas.

Dessa forma, segundo a Teoria Conceptual da Metáfora (como ficou conhecida), nosso pensamento é elaborado por conceitos, por imagens que relacionam ideias de diferentes contextos. O processo cognitivo opera relacionando, então, diferentes domínios que passam a atuar como alvo e fonte. Dada a dinamicidade própria ao processo mental, ressalta-se que mais de um domínio pode funcionar como alvo ou fonte dada a dinamicidade própria ao processo mental.

A relação entre alvo e fonte gera o significado da metáfora qualificada como “metáfora conceptual” e não os termos linguísticos utilizados (estes apenas servem como indícios da conceptualização subjacente). Por conseguinte, a linguagem é importante para a percepção da maneira com que os pensamentos são estruturados, pois os indivíduos denunciam através de suas falas e, ainda que inconscientemente, quais conceptualizações subjazem suas visões de mundo e norteiam suas ações. De acordo com Lakoff e Johnson (1980, p. 3, tradução nossa), “em virtude de a comunicação basear-se no mesmo sistema conceptual que usamos ao pensar e agir, a linguagem é uma importante fonte de evidência sobre como esse sistema é”.

Analisar metáforas conceptuais permite, portanto, observar como opera o pensamento humano. Em consonância, afirma Gomes Junior (2016, p. 194) que

a análise metafórica configura-se, portanto, como uma ferramenta metodológica eficiente para acessar os conceitos de aprendizes sobre fatores referentes ao ensino e

à aprendizagem. (...) É a partir delas que o pesquisador, indireta e indutivamente, percebe como os participantes realmente enxergam o processo.

Fundamentado nesta teoria, este trabalho propõe a interpretação da narrativa de aprendizagem de tecnologia digital a fim de recolher metáforas conceituais que funcionem como possíveis índices de como Helen percebe cognitivamente seu processo de aprendizagem.

De natureza qualitativa de cunho interpretativista, a análise utilizou-se de narrativa escrita como instrumento de estudo. O objetivo analítico da narrativa foi observar a sua estrutura, para, interpretando-a, recolher possíveis metáforas conceituais que fundamentariam a perspectiva da autora em relação à sua aprendizagem de tecnologia digital. Essa narrativa foi produzida como objeto de avaliação parcial da disciplina Pesquisa Narrativa, ofertada no primeiro semestre de 2019 no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, tendo sido redigida em resultado à reflexão proposta pelo direcionamento feito pelos professores da disciplina. Estas coordenadas constam na tabela I (disponível a seguir).

Quadro 1 – Coordenadas para elaboração da narrativa

Como tudo começou	Onde foi seu primeiro contato com tecnologia digital? Como foi seu primeiro contato com tecnologia digital? O que você já fez com tecnologia e que não faz mais? Você se lembra de quando usou pela primeira vez, um mouse, enviou uma mensagem, fez uma busca na Wikipédia, entrou no Facebook? Que pessoa(s) foi/foram importantes no seu processo de aprendizagem?
Práticas atuais	Quais são as páginas web/ blogs que você mais visita? Você contribui com algum deles? Há diferenças no uso diário de tecnologia em sua vida de estudante, profissional, ativismo político, atividade religiosa, esporte, etc.? Você já vivenciou alguma proibição em relação ao uso de alguma tecnologia?
Participação	Você participa de redes sociais? Se sim, como é sua participação? Se não, por quê? Você posta comentários em notícias ou anúncios de produtos? Você participa de votações na web? Se sim, que tipo(s) de votação? Você já fez uploads de imagens e vídeos para receber comentários? Se sim, onde?
Um dia em sua vida	Pense no dia de ontem, qual ou quais tecnologia(s) você usou logo depois de acordar? Que tecnologia(s) você usou ao longo do dia?
Transições	Que práticas sociais você mudou em função da tecnologia? Ex.: Catalogar endereços de pessoas, marcar encontros, usar mapas, etc. O que você ainda não fez que pretende fazer?
Comparações	Que diferenças no uso de tecnologia você percebe em relação às gerações mais velhas (pais, avós, conhecidos) e mais novas (filhos, crianças conhecidas, alunos)? Você consegue identificar diferenças entre culturas, amigos estrangeiros e entre gêneros?
Avaliação	Quais são os seus sentimentos em relação à tecnologia? Quais foram as experiências mais

	positivas e mais negativas? O que você usa ou usaria como professor? Justifique.
--	--

Quadro I: Instruções dadas pelo Dr. Ronaldo Correa Gomes Jr. e pela Dra. Vera Menezes durante a disciplina Pesquisa Narrativa para elaboração pelos alunos de narrativas de aprendizagem de tecnologia digital ou de língua estrangeira. Fonte: Produzido pela autora.

Esse conjunto de questões propõe uma reflexão retrospectiva sobre a aprendizagem de tecnologia digital. Seus objetivos parecem assemelhar-se aos encontrados por Barkhuizen, Benson e Chik (2014) na pesquisa narrativa conduzida por Murphey et al (2004, apud BARKHUIZEN, BENSON, CHIK, 2014). Afinal, esses autores relatam que as questões propostas por Murphey et al (2004, apud BARKHUIZEN, BENSON, CHIK, 2014) elucidam dados narrativos de cunho temporal (refletir sobre o passado e olhar para o futuro), emotivo (positivo e experiências negativas, surpresas), reflexivas (crenças, expectativas e práticas), estratégico (planos e metas) e instrutivo (conselho). (BARKHUIZEN, BENSON, CHIK, 2014, p.38, tradução nossa). Entre esses objetivos, contudo, o instrutivo parece não fundamentar o grupo de questões propostas pelos professores da disciplina, pois não se observa fomento à produção de “conselho” em seus direcionamentos.

Para a análise ora apresentada foi fundamental, antes, o suporte de textos que tratam metáforas conceituais e pesquisa narrativa – ambos os temas foram brevemente desenvolvidos no referencial teórico deste trabalho.

3 Análise de dados

Sem título, a narrativa escrita de aprendizagem de tecnologia digital de Helen é composta por 1.185 palavras e resulta de um processo de rememoração que percorre 18 anos de sua vida. Ela inicia seu relato a partir de seu primeiro contato com tecnologia digital – um computador – e finaliza-o contando seus sentimentos em relação à tecnologia e como a utiliza enquanto professora.

Percebe-se que ela seguiu as instruções dadas pelos professores da disciplina para estruturar sua narrativa. Isso é evidenciado quando se percebe a correspondência do desenvolvimento de cerca de um parágrafo para cada instrução dada de acordo com a ordem crescente das questões (disponíveis na tabela I) – excetuam-se o primeiro tópico instrutivo (“como tudo começou”), já que a ele Helen reserva três parágrafos, bem como o quinto (“um dia em sua vida”) e o sexto (“transições”), que foram desenvolvidos juntos. As expectativas para o futuro não são mencionadas, exceto seu desejo por ter uma casa inteligente, isto é, que possuísse recursos interativos.

Assim, a narrativa estrutura-se a partir do primeiro contato de Helen com a tecnologia, seus primeiros usos da Internet e as pessoas mais importantes para ela nesse processo inicial. Feito isso, ela elabora um parágrafo sobre suas práticas atuais, fazendo uma comparação em relação à maneira com que ela age em cada ambiente virtual e em cada suporte (aqui, ela cita pela primeira vez smartphone); outro parágrafo para sua participação nas redes sociais; outro para sua rotina com a tecnologia digital e suas mudanças de hábitos a partir da integração tecnológica em sua vida. No penúltimo parágrafo, ela tece comparações entre o seu uso de redes sociais e o de seus pais, e também compara, num cenário mais abrangente, o uso feito por homens e mulheres e por brasileiros e americanos. Por fim, ela analisa seus sentimentos sobre tecnologia e seus usos enquanto professora.

Na narrativa, há cinco menções a aparelhos móveis de telefonia (celular e smartphone), oito a computador (também referido como “pc”), uma para televisão e uma para tablet. Já as redes sociais são mencionadas treze vezes: há seis ocorrências para Whatsapp, cinco para Facebook, uma para MSN e uma para Orkut. Outros sites também são mencionados, como a Wikipedia, o Yahoo! Geocities, o Portal UOL, Terra, G1, Estado de Minas, entre outros. Helen também menciona casas com recursos digitais para fazer referência a aspectos tecnológicos que

ela ainda gostaria de possuir. Além disso, ela cita a série televisiva *Black Mirror* para justificar sua diminuição de uso de redes sociais.

A partir da análise feita da narrativa de Helen, evidencia-se a importância de três grandes tópicos temáticos: redes sociais (na narrativa, há dezessete ocorrências do campo semântico), família (termos desse campo semântico aparecem em doze ocorrências) e estudos (dez ocorrências). Em todos eles, há o desenvolvimento da noção de independência/dependência. Ora, parece haver relação entre esses tópicos aos temas citados por Barkhuizen, Benson e Chik (2014) como característicos da investigação narrativa: identidade, contexto e afeto. O contexto de aprendizagem é explicitado em todo o texto e focalizado no início do primeiro parágrafo, visto que Helen faz uma contextualização de seu ambiente inicial de aprendizagem. Ela relata que foi uma das primeiras de sua escola a ter acesso a um computador, transparecendo certa percepção de que foi privilegiada.

Além disso, há evidente relação afetuosa com a tecnologia (na narrativa escrita, há mesmo o trecho *“eu diria que gosto muito e não vivo sem”*) e o uso feito dela parece remeter Helen constantemente às oportunidades de aprendizagem proporcionadas por seus pais. Essa relação também transparece em suas atitudes constantes de ajudá-los a utilizar aparelhos celulares, aplicativos digitais, etc. Helen constrói a sua identidade enquanto usuária de tecnologia digital ao refletir sobre como ocorreu seu processo de aprendizagem, delimitando questões que, para ela, passaram a ser fundamentais em seu uso: a dependência de aparatos digitais. Seu afeto parece, por fim, relacionar-se pela forma como recorrentemente cita sua família e a relação dela com a tecnologia.

A família de Helen pode ser vista como a grande propulsora de suas experiências iniciais de aprendizagem de tecnologia digital. Ela menciona como seus pais a incentivaram a isso, seja comprando um computador, seja a inscrevendo em um cursinho de informática. Até hoje, existe uma relação entre a tecnologia e seus pais: ela os ensina a utilizar redes sociais e o aparelho celular.

A motivação principal tida por Helen parece ser certa perspectiva de liberdade proporcionada pela tecnologia digital, mas isso parece ser algo conflitante, como se observa no item 4.2. A participante não fornece informação sobre suas estratégias de aprendizagem e esta parece realizar-se, sobretudo, de maneira espontânea, intuitiva, e motivada principalmente por curiosidade (ainda que ela cite o cursinho de informática no início de seu processo de aprendizagem, ela dá ênfase à maneira com que aprendeu sozinha a utilizar a tecnologia).

Para Helen, a aprendizagem de tecnologia digital, apesar de lhe proporcionar acesso a muitas informações e oportunidades de estudo, parece gerar conflitos interiores quanto ao uso. Ela menciona ter deixado de usar ativamente redes sociais por medo da dependência que elas pareciam gerar nela. Além disso, ela revela sentir-se ansiosa quando não utiliza a Internet e diz: *“por mais que eu goste da tecnologia e do que ela proporciona, me sinto mal por ter essa dependência tecnológica”*. Ainda que seu uso seja por ela caracterizado como “dependente”, há também a percepção de que sua aprendizagem é independente, como demonstra no excerto da narrativa escrita: *“(...)o fato de eu estar sempre descobrindo novas coisas sozinha”* e como demonstra quando diz que *“aprendeu a dirigir”* o carro (figurativo para tecnologia digital), na narrativa oral. Assim, parece haver um conflito: ao mesmo tempo em que sua aprendizagem é independente, seu uso de tecnologia digital tornou-se uma dependência.

Ademais, Helen parece demonstrar que a aprendizagem de tecnologia é, para ela, uma experiência ligada à idade, que seria facilitada quando se é mais novo: *“hoje vejo que as crianças mais novas ganham tablets, smartphones, dentre outros, bem pequenininhas e já têm um domínio bem maior do que pessoas na minha idade”*. Sobre sua aprendizagem, Helen parece identificar-se com os papéis de aprendiz autodidata e de professora. Este último seria exercido para mediação de seus pais com a tecnologia.

3.1 Metáforas conceptuais

Em pesquisa sobre as conceptualizações de aprendizes universitários de inglês sobre aprendizagem à distância, Gomes Junior (2012) revela a recorrência de índices que relacionam aprendizagem a movimento e, de modo específico, à viagem. Parece existir, também na narrativa de Helen, uma relação com a metáfora de viagem.

Apesar de sua narrativa escrita ser bastante descritiva (e, por isso, nela não terem sido encontrados fortes indícios de metáforas conceptuais), parece ser possível uma interpretação que relacione a conceptualização tida por ela à metáfora conceptual da viagem. Parece existir a metáfora conceptual TECNOLOGIA DIGITAL É TRANSPORTE e a grande metáfora conceptual a ela relacionada: A UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIA DIGITAL É UMA ESTRADA. O percurso nessa estrada geraria a metáfora A APRENDIZAGEM DE TECNOLOGIA DIGITAL É UMA VIAGEM.

Em meio ao trânsito dessa viagem, as redes sociais parecem figurar como países nos quais ocorrem migrações. Isso é evidenciado no trecho “(...) *eu ainda estava muito apegada ao Orkut e me lembro que foi estranha essa migração das pessoas para o FB*”. Relacionada à metáfora do transporte, parece existir a metáfora conceptual REDES SOCIAIS SÃO ESPAÇOS, e a movimentação nelas é possível apenas quando se sabe controlar o transporte (a tecnologia digital) – o que explicaria o porquê dos pais de Helen terem dificuldade para utilizá-las.

4 Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se analisar uma narrativa de aprendizagem de tecnologia digital a fim de observar como a participante estruturava sua experiência e denunciava suas crenças e motivações sobre o processo. Este trabalho foi feito, portanto, no âmbito da Pesquisa Narrativa, a qual oferece a possibilidade de conhecer e acessar experiências de indivíduos e, também, suas impressões sobre elas.

A Pesquisa Narrativa representa um “fazer científico” que valoriza a individualidade dos sujeitos, dando-lhes voz para narrar suas próprias vivências. Esse exercício não apenas fornece dados úteis, como colabora para gerar contribuições aos participantes que recebem a oportunidade de refletir sobre temas, períodos e expectativas, construindo uma reflexão, por fim, sobre suas identidades. Ela oferece, também, oportunidade para acessar a forma como os indivíduos conceptualizam suas experiências, fornecendo material para interpretação de metáforas conceptuais em trabalhos realizados na área da Linguística Cognitiva.

5 Referências bibliográficas

- BARKHUIZEN, G.; BENSON, P.; CHIK, A. **Narrative inquiry in language teaching and learning research**. New York: Routledge, 2014.
- CELANI, M. A.A. Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada. **Linguagem e Ensino**, Pelotas/RS, v. 8, n. 1, p. 101- 122, 2004. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/view/198/165>. Acesso em 03 de maio de 2019.
- GOMES JUNIOR, R. C. Os aprendizes são viajantes: identidades metaforizadas de estudantes de inglês de Hong Kong e Belo Horizonte. **Scripta**, v. 20, n. 40, p. 193-211, 2016.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. University of Chicago Press, 1980.
- TURNER, J. Turns of phrase and routes to learning: the journey metaphor in educational culture. **Intercultural Communication Studies**, v.vii, n.2, p. 23-35, 1998.

ANEXO A: A narrativa que gerou a análise

O texto abaixo foi redigido integralmente por Helen e publicado por ela em 27 de março de 2019 no fórum on-line da disciplina especificada no desenvolvimento deste trabalho.

Meu primeiro contato com a tecnologia digital foi em 2001, quando eu tinha 8 anos. Lembro que fui uma das primeiras a ter esse tipo de acesso na escola em que eu estudava, pois sou do interior (Pirapora/MG), e ter computador em casa com internet ainda era algo muito novo. Lembro que nessa época o meu meio-irmão criou um email e um ICQ para mim e me deu umas dicas de como usar o pc. Ele é mais velho que eu e já tinha uma familiaridade com essas novas tecnologias.

Meu pai comprou as enciclopédias Barsa e Encarta (eram CDs ROM) para que eu pudesse fazer as pesquisas da escola. Eu adorava! Me ajudou muito durante os estudos, até que eu comecei, ao longo dos anos, a substituir as pesquisas em CDs por pesquisas em sites como Yahoo! Geocities. Não me lembro quando foi a primeira vez que usei Wikipedia porque eu já estava tão habituada a conhecer novos sites e fazer pesquisas online que não chegou a me marcar tanto. Mas, claro, uso bastante e gosto do site. Acho que a primeira vez que entrei no Facebook foi em 2010... até então, eu ainda estava muito apegada ao Orkut e me lembro que foi estranha essa migração das pessoas para o FB. Saudades do MSN também!

Eu diria que meus pais foram as pessoas mais importantes nesse processo porque eles queriam me oferecer o melhor, mesmo não tendo domínio dessas novas tecnologias. Fiz um cursinho de informática e, não só isso, como o fato de eu estar sempre descobrindo novas coisas sozinha, me ajudaram demais a aprender a manusear o computador e utilizar a internet. No fim das contas, aprendi muito rápido e eu que ensino (até hoje) coisas relacionadas ao computador e internet que meus pais não sabem.

Todos os dias entro em sites de notícias como UOL, Terra, G1 e Estado de Minas. Não costumo fazer contribuições como comentários ou coisa do tipo. Existem diferenças, sim, em relação a como eu uso a tecnologia. Enquanto leitora de notícias, quero me inteirar de uma maneira geral. Então, costumo usar muito o skimming e scanning. Já, enquanto estudante, também faço uso dessas técnicas, porém, não tenho pressa de encontrar as informações. Levo mais tempo pesquisando e lendo artigos. Além disso, gosto muito de ler as notícias no smartphone. E prefiro estudar no computador.

Tenho apenas Facebook, mas não faço nenhuma postagem. Minha participação se limita à leitura do feed de notícias e alguns poucos comentários em posts de amigos que chamam a minha atenção. Não participo de votações na web. Atualmente, não faço upload de nada para receber comentários, mas quem nunca! Principalmente quando comecei a usar o Facebook, era o que eu mais gostava de fazer. Mas com o tempo eu passei a me cansar de gastar esse tempo com redes sociais, pois percebi que estava me deixando dependente de alguma forma. E depois que assisti Black Mirror passei a ter a certeza de que essa dependência de redes sociais é algo muito sério. Mesmo com caráter ficcional, acredito que a crítica produzida seja muito verdadeira. Quem não viu, assista!

Todos os dias depois de acordar, sempre uso meu smarphone. Vejo a hora, meus lembretes do dia e leio as notícias. Depois, uso o computador para estudar ou me entreter. Raramente assisto televisão. Faço o catálogo de pessoas que conheço na lista de contatos do celular. Antigamente, no início dos anos 2000, minha família ainda tinha telefone fixo em casa. Então, eu o usava bastante para ligar para meus amigos. Quando ganhei o celular, ainda fazia muitas ligações. Porém, ao longo dos anos, fui deixando de fazer e receber ligações, e agora quase tudo é feito por mensagem, especificamente WhatsApp, pois antes eu usava muito SMS. Ainda não tenho em mente algo que eu pretendo fazer. Aliás, acho sensacionais essas casas inteligentes, em que você entra, bate palmas e as cortinas se abrem. Você fala “Music” e começa

a tocar uma música... você fala “Lights on” e as luzes se acendem. Se eu pudesse ter uma casa inteligente, eu acharia o máximo!

Meus pais também usam as mesmas tecnologias que eu, computador, smartphone, WhatsApp, mas eles têm mais dificuldades e entender algumas coisas. E fazem as coisas no tempo deles, como digitar mensagens. Isso me lembra aquele meme em que a pessoa vê que a mãe está digitando no WhatsApp, e isso dura minutos... a mãe digitando, digitando... você pensa que ela está falando um monte de coisas, mas quando recebe, a mensagem é apenas “Oi filha”. Os próprios memes não fazem muito sentido para os meus pais. Muitas vezes eles só entendem depois que eu ou meus irmãos explicam. Ou não entendem. Hoje vejo que as crianças mais novas ganham tablets, smartphones, dentre outros, bem pequeninhas e já têm um domínio bem maior do que pessoas na minha idade. Têm conhecimento de jogos, aplicativos, sites que nunca ouvi falar. Acho legal haver essas mudanças pois é assim que vamos aprendendo novos usos da tecnologia. Eu tenho a impressão de que o WhatsApp é bem famoso aqui no Brasil e o mesmo não acontece em outros países, quando falamos em diferenças culturais, por exemplo. Tive um amigo americano que dizia que usava o WhatsApp mais pelos amigos brasileiros e alguns latinos... pois lá não é tão comum assim. Entre gêneros, acho que depende muito da finalidade com que homens e mulheres usam as tecnologias. Meu pai, por exemplo, usa muito o WhatsApp para conversar com a família dele. E minha mãe também. No quesito falar ao telefone, eu tenho a impressão de que os homens não gostam de gastar muito tempo, independente da situação. Já nós, mulheres, explicamos melhor, damos detalhes e por essa razão gastamos mais tempo falando do que os homens.

Nunca parei para avaliar os meus sentimentos em relação à tecnologia, visto que desde pequena isso tem sido natural ao longo da minha vida. Eu diria que gosto muito e não vivo sem. Mesmo eu sendo desapegada de redes sociais, por exemplo, não significa que eu seja desapegada da tecnologia. Ficar um dia sem acessar a internet me deixa ansiosa, por exemplo. Por mais que eu goste da tecnologia e do que ela proporciona, me sinto mal por ter essa dependência tecnológica. Acredito que as experiências mais positivas foram as do início do meu contato com o computador. Era tudo tão mágico e especial... tenho boas lembranças de quando comecei a entender como funcionava. Uma experiência negativa foi quando um tio meu viu uma foto aleatória – de um videoclipe - que postei no Facebook, e ligou para o meu pai achando ruim. Meu pai veio tirar satisfação comigo e enfim... por isso parei de usar redes sociais. Como professora, acho a internet uma fonte inesgotável de informações. Gosto muito de usar vídeos do youtube, textos e exercícios que encontro em vários sites. Não tenho um específico. Depende muito do tema/tópico gramatical que estou trabalhando. O bom é que opções não faltam!